

A ESCRITA-LUGAR COMO MEDIAÇÃO DAS TEMPORALIDADES E SUBJETIVIDADES EM “CIDADE DE DEUS” E “CAPÃO PECADO”

Prof. Ms. Carlos Alberto de Negreiro¹ (CEFET/RN)
Mestrando Alexandre de Medeiros Tavares² (PPGEL/UFRN)

Resumo:

Os romances contemporâneos “Cidade de Deus”, de Paulo Lins (1997) e “Capão Pecado”, de Ferréz (2000) nos apresentam uma configuração da “história do presente” (BENJAMIN, 1994), como elemento constituidor de uma consciência do passado. Na medida em que se conflituam a história e a ficção produz-se um espaço para a construção das subjetividades pela escrita e cria-se um território de alteridades. O movimento e a permanência de um lado são articulados pelo literário; por outro, inaugura um novo movimento – a leitura do leitor. A “autonomia semântica do texto” permite a leitura do contemporâneo, proporcionada pela palavra escrita (RICOEUR, 1988). A proposta de nosso trabalho é pensar o texto como o território das alteridades, isso nos permite refletir a escrita como um espaço ontológico e como uma instância da outridade.

Palavras-chave: lugar-escrita, subjetividade, alteridade, Ferréz, Paulo Lins.

Introdução

*Pois irrecuperável é cada imagem do presente
que se dirige ao presente,
sem que esse presente se sinta visado por ele .
– Walter Benjamin*

*Um mergulho num poço de águas cristalinas...
pode levantar o barro decantado no fundo
– Luiz Ruffato*

*O presente é um ruído no mundo.
– José Miguel Wisnik*

Para pensarmos o presente, esse “momento de perigo” (BENJAMIN,) aludimos a um excerto de uma canção de Belchior, “A minha alucinação/ é suportar o dia-a-dia/ e meu delírio/ **é a experiência com as coisas reais...**” [grifo nosso]. A partir do paradoxo mostra-se o cotidiano impõe um ritmo para a vida, uma espécie de “rodo cotidiano”. Pois, “Somente o homem que se voltou par a dimensão interna de seu ser pode ver a natureza como um símbolo, como uma realidade transparente, podendo chegar a conhecê-la e compreendê-la no seu verdadeiro sentido” (NASR, 1968, p. 98), assim o mergulho nessa realidade, se dá pelo/ no texto, lendo também se lê, essa “natureza”, é também o lugar da periferia e o lugar-escrita desse espaço.

Pensemos então numa literatura contemporânea como a de Paulo Lins e Ferréz, cada um com sua particularidade, mas com um aspecto em comum, ambos constroem uma literatura que trata da experiência de sujeitos em suas comunidades – as periferias de grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, também nomeadas de favelas. Além disso, a publicação de ambos os romances se dá quase no mesmo período entre 1997 e 2000.

Os romances contemporâneos **Cidade de Deus** (ao longo deste trabalho ao citarmos esta obra utilizaremos **CD**), do escritor carioca Paulo Lins, editado pela primeira vez em 1997; e **Capão Pecado (CP)**, do escritor paulistano Ferréz, (edição de 2000) apresentam aquilo que pensamos aqui neste trabalho certa “história do presente”, num movimento dialético que imprime a noção de que para falar de “hoje” não se pode deixar de lado o “ontem”.

Os dois romances tomam como mote falar de um lugar específico da cidade, uma outra voz-lugar – a periferia. No primeiro a intenção de contar a história da comunidade “Cidade de Deus” – uma microfísica da cidade, uma cidade dentro da cidade, funcionando como uma resistência às regras normatizadoras da cidade oficial, lá tudo se dá fora-de-ordem, perpassando por aproximadamente três décadas da contemporaneidade (1960/1970/1980).

No segundo romance o presente é quase atemporal, mas a referencialidade exposta no enredo no faz situar a história também na contemporaneidade. Ambos têm em comum a expressão da/e pela periferia – um universo que se faz por um princípio que seria o do lugar-escrita.

1 POESIA, MINHA TIA, ILUMINE AS CERTEZAS DOS HOMENS E OS TONS DE MINHAS PALAVRAS.

Cidade de Deus, é nome de uma cidade dentro de uma cidade, nesse caso foi um conjunto habitacional, se transformando ao longo do tempo em uma grande favela, e hoje uma comunidade, um grande bairro de periferia. Outrora essa expressão também é nome de uma obra de Santo Agostinho em que diz da cidade perfeita, um modelo divino para a celebração da virtude e da fé.

O irônico se manifesta na transposição do nome para uma localidade marcada pela violência e pela exclusão social, uma favela “lugar de maldades”. Mas que se mostra como um “texto” – “individual e coletivo” (DUARTE, 2005, p.164).

Refletir sobre a obra é um trabalho que se debruça sobre si, “(...) aquele que lê a obra, ao ler se torna, segundo palavras de Proust, leitor de si mesmo.” (RICOEUR, 1988, p. 75) pensar assim o presente na obra é refletir acerca da relação deste presente na escritura, isto é, das relações entre tempo e escritura.

Partiremos então, do pressuposto de uma escrita-lugar como forma de configurar a experiência temporal humana projetando-a em um presente da leitura que inaugura um campo de significações mediatizador do mundo vivido e do mundo do texto, constituindo um território das subjetividades e das temporalidades implicadas no presente da leitura.

Os processos condicionantes para a instância das significações advindas da relação com o texto (no que se refere ao tempo) são articulados pelo literário; por outro lado, inaugura um novo movimento – o da leitura do leitor, “autonomia semântica do texto” dado pela palavra escrita (Ricoeur, 1988).

Nuvens jogavam pingos sobre as casas, no bosque e no campo que se esticava até o horizonte. Busca-Pé sentia o sibilar do vento nas folhas dos eucaliptos. À direita, os prédios da Barra da Tijuca, mesmo de longe, mostravam-se gigantescos. Os picos das montanhas eram aniquilados pelas nuvens baixas. Daquela distância, os blocos de apartamentos onde morava, à esquerda, eram mudos, porém parecia escutar os rádios sintonizados em programas destinados às donas de casa, a cachorrada latindo, a correria das crianças pelas escadas. Repousou o olhar no leito do rio, que se abria em circunferências por toda sua extensão às gotas de chuva fina, e suas íris, num zoom de castanhos, lhe trouxeram flash-backs; o rio limpo; o goiabal, que decepado, cederia lugar aos novos blocos de apartamentos; algumas praças, agora tomadas por casas; os pés de jamelão assassinados, assim como a figueira mal-

assombrada e as mamoneiras; o casarão abandonado que tinha piscina e os campos do Paúra e Baluarte – onde jogara bola defendendo o dente-de-leite do Oberon – deram lugar às fábricas. (CD, 1997, p.11-12)

Quem é Busca-Pé? Quem diz por trás de Busca-Pé, à maneira do etnógrafo, a perceber o cenário dentro do menino que vê e relata-se relatando o lugar? Que experiências são capturadas pelos olhos do menino que vê o mundo arruinado em um passado absolutamente passado, mas que se apresenta como presente, que é arrebatamento?

O narrador-observador que vê com olhos de menino diz do lugar ao usar termos que quase vaticinam esse lugar a uma condição de trágico: “pé de jamelão assassinados”, “goiabal decepado”. O lugar é apresentado para se fazer testemunho – uma história da periferia, por dentro dela. A narrativa assim descortina um outro cenário, parafrasando Beaujour (Apud CLIFFORD 2002, p.65), por trás das coisas desse mundo, mostra-se pela palavra para então fazer-se existir.

Cidade de Deus deu a sua voz para as assombrações dos casarões abandonados, es-
casseou a fauna e a flora, remapeou Portugal Pequeno e renomeou o charco: Lá em
Cima, Lá na Frente, Lá Embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e Os Apês. (CD, p.17)

O narrar é uma forma de nos conhecer, de acessarmos o mundo por meio da experiência de vida, logo quando falamos, fala-se de uma posição, assim qual a posição de Busca-Pé, ou melhor, qual a posição daquele que fala por trás de Busca-Pé?

O espaço é humanizado, mesmo dentro do processo de coisificação social de exclusão nas periferias urbanas, há uma sutil animização (“apartamento mudos”), resta-lhe a experiência que se conta e é contada. Como o “homem vê na natureza aquilo que ele próprio é, e só penetra no significado secreto da mesma com a condição de ser capaz de penetrar nos mais recônditos de seu próprio ser e de deixar de residir meramente na periferia deste” (NASR, 1968, p.98)

Contar uma história é sair dela, em um movimento de destecimento o narrador retece o mundo tal como um pesquisador ao se debruçar sobre o seu interesse de pesquisa. Um movimento de sair de si para olhar-se, gerando o que pode nomear do jogo de instâncias das significações envolvidas na leitura.

Antigamente a vida era outra aqui neste lugar onde o rio deixando o coração bater em pedras, dando areia, cobra-d’água inocente, risos-líquidos, e indo ao mar, dividia o campo em que os filhos de portugueses e da escravidão pisaram.(CD, p.16)

O cotidiano impõe uma urgência como os referenciais da concretude e de suas próprias realidades, se o “presente é um momento de perigo” (BENJAMIN, 1995), pois nós nos confrontamos nele, ele nos transtorna. Este perigo se constitui o elo de ligação com o passado, passado este que é narrado para se constituir como um registro daquilo, que para entender o “agora”, já “foi”. Esse jogo de tempos, mais precisamente de temporalidades estabelece a posição de quem ao falar possa parecer uma necessidade de impor sua existência, pois só posso existir se me narro.

Território de alteridades é aquele constituído das narrativas que assumem um caráter ontológico de subjetivação, pois sem o sujeito como haver o outro? Por que meio aquelas pessoas só se encontrariam no texto, na escritura se não fosse pelo narrar a sua história. O texto é a configuração do mundo, e o leitor (com sua leitura) reconfigura esse mundo. O próprio personagem ao se narrar, faz a leitura de si

Referências do mundo dos homens perfazem a organização do “orbe”, formado pelo que é narrado. Esse mundo é uma consequência do ato narrar, cira-se um mundo, esse mundo é justamente o que proporciona o caráter “substantivo”, ou melhor, os processos de subjetivação daqueles que povoam os lugares e se contam na escrita-lugar.

Pois esta escrita-lugar é aquilo que cria uma proposição de mundo – transtornado, de mundo modificado, aquilo que é escrito se dá escrita, porém incide sobre o processo de constituição desse sujeito, que ser existir. O texto é lugar do conflito. Se existe diante do texto, no movimento que já é o da leitura, o sujeito ao se narrar, lê-se, não existe além-texto ou por-trás do texto, mas diante do texto – este é o confronto (RICOUER, 1988).

2 ME TOMARAM TUDO, MENOS A RUA.

Capão Pecado é uma narrativa que ficcionaliza (realidade e ficção se imbricam dialeticamente – sem que uma seja estanque da outra), documenta histórias de vida de uma comunidade pobre de um grande centro urbano excludente por natureza, deixando à margem do “centro” os “morlocks” modernos, ou o “lúmpen” social – assim se configuram as chamadas “favelas”, um depósito de refugos humanos que não interessa ao restante da sociedade - formadora de opinião, saber ou se importar com essas populações que vivem em comunidades marginais e marginalizadas.

O romance tem a peculiaridade de se constituir polifônico – o autor reveza os capítulos com texto de abertura escrito por outros companheiros que moram, se não em Capão, em outra comunidade circunvizinhas.

Em Ferréz, a intenção de ter uma voz, para se fazer ouvir, o sujeito que seque fazer existir – como se diz no rap “sujeito-homem”. O espaço é a periferia, onde todos se sentem em grande “ralo”, engolidos pela falta de perspectiva de vida, a aviltante exclusão social e determinação quase que “biológica” da distinção e fixação em castas inferiores. O lugar marcado pelo erro, assim a paronomásia título da obra, a periferia – a favela se denomina realmente de Capão Redondo, uma entre tantas outras comunidades periféricas grandes da cidade de São Paulo, no título de seu romance temos **Capão Pecado**, o primeiro em sua carreira de escritor “marginal”, o “pecado” para fazer lembrar que a comunidade esquecida e excluída, apesar de todo o mal sobrevive, e insiste em viver para contar sua história. Para isso Ferréz morador dessa “quebrada” escolhe a escrita como uma ferramenta de resistência e luta contra as injustiças sociais que seus coetâneos passam.

A luz dos postes; a oração do idoso que pede para que Deus ilumine sua vida e a vida dos seus; o menino que não concilia o sono como a fome; o barulho dos carros passando pela fresta do barraco, encobrendo a música do disco que fala de muitos na contramão da evolução social, sendo seus destinos infrutíferos, e sendo seus futuros tão gloriosos e raros quanto um belo pôr-do-sol. (CP, p15)

Assim Ferréz nos apresenta o lugar e as suas dimensões em seu prefácio, que se incorpora a narrativa, como uma espécie de comentário do narrador, o autor ainda segue incorporando as cinco partes que o livro se divide mais cinco prefácios de outros ‘manos das quebradas’, espécies de testemunhos sobre o Capão Redondo compondo duas dimensões para a narrativa, a saber, a história de Rael e os prefácios a cada parte, procedimento que lembra a estrutura de um documentário-testemunho.

Tal procedimento dá a narrativa um caráter ambíguo entre o ficcional e o documento, o Capão que serve de ambiente para a história de Rael é o Capão de Mano Brown, Cascão, Outraversão,

Gaspar, Negredo. Cria-se um movimento intercambiável entre o sujeito (Rael) e o lugar (Capão), ora o sujeito é personagem e escopo da narrativa, ora é o próprio lugar que se torna personagem.

Um imbricamento entre o sujeito e o espaço, este se tornando lugar pela escrita, ou melhor, uma escrita-lugar do sujeitos, que se subjetivam justamente pelo ato de narrar-se, esse ato torna-se uma forma de resistência dessas subjetividades dentro do espaço urbano periférico. Avilta-se então a experiência do sujeito, “No mundão eu não sou ninguém, mas no Capão Redondo eu tenho meu lugar garantido, moro mano?” (CP, p.24). A escrita como exercício pessoal (Foucault) – “escrever é se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2005, vol. V, p.156)

Considerações finais

Pensamos por meio deste ensaio o texto é o território das alteridades, e elas se constituem pelo movimento narrativo-ontológico, processo de subjetivações que apontam como tentativas de resistências a uma ordem de poder excludente e aniquilador de vozes dos sujeitos que se querem fazer existir.

Discutir essas noções de subjetividades é uma premência a partir da leitura dessa obras, pois elas expressam as vozes de sujeitos que se fazem na escritura, ou melhor, ao escreverem se inscrevem, ao narrarem-se passam a existir – a escrita funcionaria como um dos elementos de visibilidade no mundo, o sujeito se faz sujeito, e não como uma coluna fixa ou rígida, mas sim como uma posição, uma implicação de uma ação no mundo, como se diria na linguagem do Hip Hop: um “sujeito-homem”.

O conjunto de referências que o autor utilizou está lá no texto, esse conjunto constitui o universo intercambiante entre o ficcional e o real, pois aqui não há oposição entre eles. A autonomia do texto constrói o lugar do encontro: esse território de alteridades.

A contemporaneidade, a história do presente que mencionei no início, é esse o benjaminiano “aforismo” – o “momento de perigo” é constituído por essa escrita-lugar.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras escolhidas I. 5.ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. 1.reimpressão. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Sertão, subúrbio: Guimaraes Rosa e Paulo Lins. In: _____. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALÉ; EdUFMG, 2005.
- FERRÉZ. **Capão pecado**. 2.ed. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. 2.ed. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos & Escritos; V)
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras: 1997.
- NASR, Seyyed Hasseuin. **O homem e a natureza**. Trad. Raul Bezerra Pedreira Filho. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

RICOEUR Paul. A função do hermenêutica do distanciamento. In: _____. **Interpretação e ideologias**. 3.ed. Org, trad. e apresentação Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

RICOEUR, Paul. A identidade narrativa. In: CORREIA, Carlos João. A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal – tradução comentada de “L’identité narrative” de Paul Ricoeur, **Arquipélago, Filosofia**, Revista da Universidade dos Açores, Ponte Delgada: Universidade dos Açores, n.7, 2000, p.177-194.

¹ **Autor(es)**

Carlos Alberto de NEGREIRO (Prof. Ms.)
Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RN)
E-mail: calnegreiro@cefetrn.br

² **Alessandre de Medeiros TAVARES (Mestrando)**
Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN)
E-mail: alessandretavares@hotmail.com